

Os Naturalistas e o Ceará:

III – Francisco Freire Allemão (1797-1874)

MELQUIADES PINTO PAIVA⁽¹⁾

Existem muitas informações sobre a vida e a obra de Francisco Freire Allemão (1797-1874), considerado como o maior botânico brasileiro do século XIX, que desfrutou de grande prestígio social e científico na Corte do Império, inclusive por causa da amizade com Pedro II, tendo participado como médico de sua Imperial Câmara.

Ditas informações estão contidas em volumosa bibliografia, constituindo seis agrupamentos bem distintos, a saber:

- textos autobiográficos deixados em manuscrito (ALLEMÃO, 1874) e em trabalho publicado com fundamento nas notas por ele próprio fornecidas (MORAES, 1874);
- anotações feitas por uma das suas irmãs (VASCONCELOS, s/d), esboços biográficos (SILVA, 1870; MACEDO, 1874 e 1876; ABREU, 1876; SANTOS, 1880) e biografia com a apreciação dos seus trabalhos (GAMA, 1875), escritos quando ainda estava vivo o homenageado ou então pouco tempo após a sua morte, da autoria de contemporâneos, confrades e do seu discípulo José de Saldanha da Gama;
- esboços biográficos os mais diversos, escritos quando já eram decorridos muitos anos da morte do homenageado, ver a bibliografia consultada, abrigando apenas aqueles encontrados pelo autor do presente trabalho;
- biografias e estudos sobre os manuscritos deixados pelo homenageado, seus gêneros e espécies novos(as), resultantes da sedimentação de informações e análise madura, devido ao tempo que correu após a sua morte (STELLFELD, 1947 e 1948; SOUZA, 1948; DAMASCENO & CUNHA, 1964);
- estudos sobre as expedições científicas que percorreram o território nacional, aqueles relativos ao desenvolvimento da

(1) Doutor em Ciências pela Universidade de São Paulo, Professor Titular (aposentado) da Universidade Federal do Ceará, Pesquisador I do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico e Sócio Efetivo do Instituto do Ceará (Histórico, Geográfico e Antropológico). Endereço para correspondência: Rua Baronesa de Poconé, 71/701 – Lagoa / 22471-270 Rio de Janeiro – RJ – Brasil.

Biologia/Botânica no Brasil [LACERDA, 1905; Garcia, 1922; Neiva, (1922) 1929; Leitão, 1937 e 1941; Ferri, 1955 e 1980] e, de modo especial, a obra maior sobre a Comissão Científica de Exploração, da autoria de Raimundo Renato de Almeida Braga (1962);

- bibliografia assinada pelo homenageado, publicada em revistas especializadas e folhetos de natureza científica, bem como os seus manuscritos symbol 150 \f "Colonna MT" \s 12 estes, na maior parte, bem guardados na Biblioteca Nacional (Damasceno & Cunha, 1964).

No presente trabalho vamos incluir um esboço biográfico de Francisco Freire Allemão, com informações selecionadas da bibliografia acima indicada, sem pretensão de qualquer originalidade. Serve apenas como uma introdução ao seu objetivo central, que é o de destacar a vida e obra do grande botânico em relação à então província do Ceará, por ele percorrida e estudada, em virtude da sua proeminente participação na Comissão Científica de Exploração.

Francisco Freire Allemão de Cisneiros nasceu em 24 de julho de 1797 na fazenda do Mendanha, freguesia de Nossa Senhora do Desterro de Campo Grande - Rio de Janeiro. Teve origem bem modesta, uma vez que seus pais, João Freire Allemão de Cisneiros e Feliciano Angélica, eram moradores da fazenda que pertencia ao padre Antônio do Coito da Fonseca, avô materno e padrinho do futuro botânico, em cuja companhia viveu a maior parte da infância e começo da adolescência, até o dia 11 de fevereiro de 1810, data da morte do seu protetor.

Feliciano Angélica era filha natural do casal Antônio do Coito da Fonseca e Guiomar, que teve quatro filhos, sendo homens os dois mais velhos; ela era a caçula, nascida e criada na fazenda do Mendanha, vivendo na companhia dos pais até o seu casamento.

João Freire Allemão de Cisneiros zelava e administrava a triagem, seca e encaixotamento do açúcar produzido na fazenda do Mendanha; em troca, o sogro-padre não lhe tirava a meação da cana que cultivava e moía.

O casal João Freire Allemão de Cisneiros e Feliciano Angélica habitavam a primitiva casa do engenho, onde nasceram dez filhos, pelo menos: cinco homens e cinco mulheres. Com exclusão de Antônio e Francisco, ambos formados em Medicina, os demais membros da grande irmandade permaneceram ligados às atividades da lavoura. O futuro botânico nunca perdeu suas raízes telúricas symbol

150 \f “Colonna MT” \s 12 “será até a morte um homem dos matos e aos matos do Mendanha voltará sempre.” (Damasceno in Damasceno & Cunha, 1964:11).

Francisco Freire Allemão de Cisneiros começou seus estudos primários com o avô-padre e padrinho, interrompendo-os em 1810, em decorrência de sua morte. Então, voltou para a casa dos pais. Iniciou a aprendizagem do latim na casa do padre Luís Pereira Duarte, de quem se tornou sacristão, para evitar o recrutamento militar. Depois, passou a estudar o latim na própria fazenda do Mendanha, tendo como professor um jovem português chamado Diogo Antônio dos Santos, que ali se encontrava para dar ensino ao filho do novo proprietário da fazenda, que desejava abraçar o sacerdócio.

Diogo Antônio dos Santos, mais tarde padre e professor substituto do Seminário de São José, na cidade do Rio de Janeiro, conseguiu para seu antigo aluno Francisco Freire Allemão de Cisneiros o ingresso no estabelecimento de ensino, livre de qualquer pagamento, onde permaneceu como seminarista desde 1817 a 1820; então, ele se defrontou com o dilema de tomar ordens ou interromper o curso, preferindo a segunda alternativa.

O nosso biografado ficou vivendo na cidade do Rio de Janeiro, em companhia do irmão mais velho – Antônio, então enfermeiro do Hospital da Misericórdia, ministrando aulas particulares para ganhar algum dinheiro.

Em 1822, iniciou seus estudos na Escola Anatômica, Cirúrgica e Médica do Rio de Janeiro, fundada em 1808 e depois reestruturada e denominada Academia Médico-Cirúrgica da Corte, onde permaneceu até 26 de abril de 1828, quando recebeu carta de habilitação em Cirurgia e Medicina, firmada pelo seu diretor, barão de Inhomirim. Durante o curso, mereceu pensão concedida pelo Governo a alunos pobres e distintos.

Logo após a sua formatura e por causa da referida pensão, foi convocado para acompanhar o Imperador em viagem ao sul do Brasil. Deixou de se apresentar e se livrou da obrigação militar graças à interferência de João Bandeira de Gouveia, pai de antigas alunas particulares e pessoa de muito prestígio na Corte.

Por intermédio de José Francisco Xavier Sigaud, conseguiu passagem gratuita em navio de guerra da França, embarcando em outubro de 1828, para chegar a Paris em fevereiro do ano seguinte. Por lá viveu estudando Medicina com grandes aperturas financeiras e iniciou seus estudos de Botânica com o professor Jacques Clarion

(1779-1844). Defendeu tese sobre a papeira (Allemão, 1831), que lhe possibilitou receber o diploma de Doutor em Medicina expedido pela Faculdade de Medicina de Paris, datado em 30 de dezembro de 1831 e firmado pelo conde de Montalivet. Em fevereiro de 1832 se encontrava de volta ao Brasil, com desembarque na cidade do Rio de Janeiro, onde passou a morar.

Já conhecido como Francisco Freire Allemão, ingressa na Sociedade de Medicina do Rio de Janeiro (atual Academia Nacional de Medicina), em 24 de maio de 1832, na condição de membro titular, apresentando-se com uma dissertação sobre o iodo na cura do bócio tema de sua tese de doutoramento. Foi presidente desta instituição ainda em 1832 (terceiro trimestre) e no biênio 1838/39, quando ela já era denominada Academia Imperial de Medicina, da qual chegou a ser sócio honorário.

Após defesa de tese em concurso sem concorrente (não se conhece o assunto versado), foi nomeado lente da cadeira de Botânica Médica e Princípios Elementares de Zoologia da Escola de Medicina do Rio de Janeiro, por carta da Regência, com data de 10 de junho de 1833, onde permaneceu até 10 de dezembro de 1853, quando se aposentou por carta de jubilação expedida pelo Imperador. Em 1856 tornou-se membro do Conselho, o que explica a sua qualificação de **conselheiro**, em decorrência dos anos de exercício do magistério superior.

A partir de 1834 começou a fazer anotações e desenhos das plantas estudadas, em milhares de folhas guardadas até 1866, constituindo 26 volumes agora depositados na Biblioteca Nacional: "Estudos Botânicos" (1834-1866), com 17 volumes (BN 5,4,18-34); ["Flora Cearense"] (1859-1861), com 9 volumes (BN I-28,7,2-10).

Por ato firmado pelo marquês de Inhomirim, em 28 de março de 1840, foi nomeado médico efetivo da Imperial Câmara, posteriormente confirmado pelo próprio Imperador, em 23 de julho do mesmo ano. Assim, integrou a primeira leva dos médicos selecionados por Pedro II (MAIA, 1937), antes mesmo da declaração de sua maioridade e início do longo reinado. Isto se deu por verdadeiro acaso: tendo o Imperador adoecido subitamente e não se encontrando em serviço o médico de plantão, Francisco Freire Allemão foi localizado na Faculdade de Medicina e chamado para prestar assistência médica ao real paciente, o que justifica a nomeação.

Os seus trabalhos botânicos começaram a ser publicados em 1844, cuidando da descrição de gêneros e espécies novas ou pouco

estudadas, além do trato de temas diversos, relacionados com a biologia e usos das plantas, cuja relação se encontra em SOUZA (1948:104-106 trabalhos de 1844 a 1851) e em DAMASCENO & CUNHA (1961:87-92). Em verdade, tal produção científica pode ser considerada numericamente pequena, para um intenso labor diário de quase 40 anos, o que se justifica pelo difícil acesso aos poucos meios de comunicação então disponíveis, as impressões custosas e os desenhos/litografias feitas pelo próprio autor. Ele cumpriu todas as etapas de suas pesquisas, desde a coleta do material até o preparo dos trabalhos e mesmo custeio das publicações, sempre pobre e contando com pouca ajuda de auxiliares. Nos 26 volumes de seus estudos botânicos, já referidos, não são poucos os praticamente acabados, que permanecem inéditos!

Trabalhos de Francisco Freire Allemão foram publicados em vários periódicos, muitos deles de circulação restrita e duração efêmera, cuja relação é a seguinte, em ordem alfabética dos títulos: *Annaes Brasilienses de Medicina*, *Archivo Medico Brasileiro*, *Gazeta Medica*, *Guanabara*, *Minerva Braziliense*, *Revista Brasileira*, *Revista Fluminense*, *Revista do Instituto Historico e Geographico do Brazil* e *Trabalhos da Sociedade Vellosiana*. Também apareceram em publicações avulsas e nos *Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração*.

Um aspecto a destacar, no desempenho das suas atividades científicas, foi o freqüente intercâmbio epistolar com naturalistas europeus, a partir de 1840, com destaque para Karl Friedrich Phillip von Martius entre os anos de 1844 a 1867, com a troca de 29 cartas, sendo 17 escritas por Francisco Freire Allemão. Outros naturalistas, com os quais se correspondeu, foram os seguintes, em ordem cronológica do início da troca de cartas: Geovanni de Brignoli de Brunnoff (1840), Michele Tenore (1845), Achille Richard (1846), Friedrich Ernst Ludwig von Fischer (1847), Agustin de Saint-Hilaire (1851), Maximilian Alexander Phillip (Príncipe de Wied-Neuwied) (1853), Alfonse de Candolle (1854) e Henri Ernest Baillon (1869).

Como vemos, Francisco Freire Allemão sempre lutou contra o isolamento científico, com o intercâmbio de cartas, memórias, excicatas e publicações, o que demonstra o seu próprio valor e o apreço que merecia da parte de tão importantes naturalistas do século XIX.

Karl Friedrich Phillip von Martius, em cartas dirigidas ao cônego Joaquim Caetano Fernandes Pinheiro, assim se referiu ao nosso biografado, com citações em português moderno: "Este sábio [Freire Allemão] há muitos anos não me participa notícias suas, mas eu não

deixei [de] mandar-lhe minhas **epístolas impressas**, as continuações da *Flora Brasiliensis*. Hei de receber com sumo agrado tanto o relatório da Comissão Científica do Ceará como amostras das plantas por ele descobertas e que devem entrar na *Flora Brasiliensis*, naturalmente sempre com o seu nome." (carta de 11 de abril de 1863 BN I-3, 9,61); "Desejo muito que o célebre Doutor Freire Allemão tenha a bondade de comunicar bem cedo as suas descobertas botânicas no Ceará, para poderem entrar [n]a *Flora Brasiliensis* que me ocupa sem interrupção." (carta de 12 de julho de 1867 BN I-3,9,62). Não é pouca coisa merecer de Martius as qualificações de sábio e célebre!

Em 1850, participou da criação da Sociedade Velloziana do Rio de Janeiro e o seu diploma de sócio efetivo tem a data de 11 de outubro de 1850. Tal denominação corresponde a homenagem a frei José Mariano da Conceição Velloso. Esta sociedade teve efêmera duração, sendo o nosso biografado seu principal inspirador e presidente. Anos depois (1865), Francisco Freire Allemão integrou o grupo dos fundadores da Palestra Scientifica, outra sociedade de pouca duração, cujo mentor maior foi Guilherme Schüch de Capanema.

Estas duas sociedades representaram tentativas de organização da comunidade científica, com reuniões periódicas para discussão de assuntos pertinentes e apresentação de trabalhos, em cujas revistas se encontram publicados estudos e memórias do nosso homenageado.

Francisco Freire Allemão descreveu 15 gêneros novos de plantas (STELLFELD, 1948) e 50 espécies novas da flora brasileira (GAMA, 1875). É bem verdade que muitas das suas descrições hoje se encontram em sinonímia, por razões diversas, inclusive por causa da prioridade da publicação; de qualquer forma, é um acervo científico nada desprezível, considerando-se o local e o tempo em que desenvolveu os seus trabalhos botânicos e as condições de pobreza em que eles se realizaram!

• Aposentando-se da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, Francisco Freire Allemão iniciou uma nova fase de trabalho no chão natal do Mendanha, donde só se afastava para cumprir a semana de médico da Câmara Imperial e assistir as reuniões das sociedades científicas a que pertencia, na cidade do Rio de Janeiro.

Lá no seu refúgio campestre foi convocado para nova missão. O conselheiro Jerônimo Francisco Coelho, então Ministro da Guerra, por ato de 20 abril de 1858 firmou sua nomeação para lente de Botâ-

nica e Zoologia da Escola Central, como resultado de convite que lhe fez o Imperador. A nova instituição foi a sucessora da antiga Academia Militar, extinta pela reforma do ensino militar, ocorrida em 1857.

Os lentes da Escola Central tinham as honras de major do Corpo de Engenheiros, sendo obrigados a dar aulas fardados. Vale aqui transcrever comentário de Francisco Freire Allemão: "Assentei praça de major e hei de reformar-me em cadete. O homem mais pacato do Rio de Janeiro de espada á cinta, depois de 60 annos." (GAMA, 1875:107).

O nosso biografado esteve afastado do magistério militar, enquanto permaneceu no Ceará, a serviço da Comissão Científica de Exploração. Retornando ao Rio de Janeiro, voltou às atividades docentes, onde permaneceu até o início de 1866, quando pediu sua demissão. Motivos de saúde e o indeferimento da petição de aposentadoria, firmado pelo senador Ângelo Moniz da Silva Ferraz, então Ministro da Guerra, explicam a decisão adotada.

O Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro foi criado em 21 de outubro de 1838, data da primeira reunião dos 27 sócios-fundadores, em sala do Museu Nacional. Francisco Freire Allemão não participou deste grupo pioneiro, mas, na quinta reunião da instituição, ocorrida em 16 de fevereiro de 1839, foi lida uma carta em que comunicava aceitar o convite para integrar o quadro dos seus sócios correspondentes. Estes podiam passar a sócios efetivos, independentemente da existência de vaga, desde que fixassem residência na cidade do Rio de Janeiro, o que aconteceu com o nosso biografado, poucos anos depois.

A idéia da criação da Comissão Científica de Exploração nasceu na sociedade Palestra Scientifica e no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro; de imediato, ela mereceu o apoio do Imperador. A lei nº 884, de 1º de outubro de 1856, fixando a despesa e orçando a receita para o exercício financeiro de 1857-1858, em seu §1º do artigo 17 autorizou o Governo a nomear uma comissão de engenheiros e naturalistas para explorar o interior de algumas províncias. O Ceará foi escolhido para abrigar os trabalhos iniciais da **Comissão Scientifica de Exploração**, presidida por Francisco Freire Allemão, que foi nomeado pelo Imperador em 7 de março de 1857.

Os trabalhos da Comissão seriam executados por cinco seções, a seguir relacionadas, com os seus respectivos chefes: Botânica Francisco Freire Allemão; Geológica e Mineralógica Guilherme Schüch de Capanema; Zoológica Manoel Ferreira Lagos; Astronômica e

Geográfica Giacomo Raja Gabaglia; Etnográfica e Narrativa da Viagem Antônio Gonçalves Dias.

A Comissão Científica de Exploração desembarcou em Fortaleza no dia 4 de fevereiro de 1859, onde se demorou até o mês de agosto, explorando as cercanias da capital provincial e as serras mais próximas. Cada uma das cinco seções traçou o seu roteiro de viagens. Deixou definitivamente o Ceará em 13 de julho de 1861, quando zarpou o navio que a conduziu de volta ao Rio de Janeiro.

Com o visível intuito de reparar injustiça sofrida, que levou Francisco Freire Allemão a se demitir da Escola Central, em atos distintos, de 10 de fevereiro de 1866, o amigo Imperador o nomeou para os lugares de diretor da Seção de Mineralogia, Geologia e Ciências Físicas do Museu Nacional, e de diretor do Museu Nacional, onde permaneceu até a sua morte, ocorrida em 11 de novembro de 1874.

Dois aspectos inusitados da vida do homenageado merecem o devido destaque: sua fugaz passagem pela política e o tardio casamento.

Francisco Freire Allemão foi colega de Evaristo Ferreira da Veiga, ambos alunos do Seminário de São José. Por insistência deste, passou à militância política, atuando junto à Sociedade Defensora da Liberdade e Independência Nacional, a partir de 1833. Dois anos depois, foi eleito deputado provincial do Rio de Janeiro, onde permaneceu por apenas um mandato. Não mostrou pendores para as atividades da imprensa política e da representação popular, delas logo se afastando, sem novos envolvimento futuros.

O casamento do naturalista com a sua muito jovem sobrinha Maria Angélica se deu em 1864. Então, o noivo já estava velho e doente, continuando pobre, como sempre viveu. Não deixou descendente, mas o casal adotou um menino, órfão de mãe e filho de pai extremamente pobre, que recebeu o nome de Tito.

Em vida, Francisco Freire Allemão recebeu muitas honrarias, além daquelas já mencionadas, a saber: diploma de membro do Institut Historique de France (Paris, 25 de julho de 1835); diploma de sócio efetivo da Sociedade Auxiliadora da Indústria Nacional (Rio de Janeiro, 22 de dezembro de 1836); ofício comunicando-lhe a concessão do título de membro da Sociedade Filomática Fluminense (Rio de Janeiro, 12 de janeiro de 1839); diploma de sócio correspondente da Academia delle Scienze / Societá Reale Borbonica (Nápoles, 15 de setembro de 1841); ato de Cândido José de Araújo Viana mandando,

em nome do Imperador, que se lhe fizessem as provanças e habilitações para receber o hábito da Ordem de Cristo (Rio de Janeiro, 26 de março de 1842); ofício comunicando que lhe fora conferida a Cruz de Cavaleiro da Real Ordem de Francisco I / Reino das Duas Sicílias (Nápoles, 28 de maio de 1843); diploma de membro da Academia Pontaniana (Nápoles, 6 de julho de 1843); decreto de Ferdinando II, rei das Duas Sicílias, nomeando-o sócio correspondente do Reale Istituto d'Incoraggiamento alle Scienze Naturale (Nápoles, 25 de julho de 1843); diploma de membro honorário da Academia Filomática do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 8 de setembro de 1847); diploma de membro da Regia Societas Botanica Ratisbonensis (Ratisbona, 1º de janeiro de 1848); diploma de membro honorário do Ginásio Brasileiro (Rio de Janeiro, 14 de setembro de 1850); diploma de membro honorário da Sociedade Auxiliadora da Agricultura, Comércio e Artes da Província de São Paulo (São Paulo, 16 de setembro de 1853); título de membro honorário da Academia Imperial das Belas Artes do Rio de Janeiro (Rio de Janeiro, 24 de novembro de 1855); ato do imperador Pedro II, nomeando-o membro da diretoria do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (Rio de Janeiro, 10 de novembro de 1862); ato do imperador Pedro II, nomeando-o membro do conselho fiscal do Imperial Instituto Fluminense de Agricultura (Rio de Janeiro, 7 de janeiro de 1867); ofício do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, comunicando-lhe que fora elevado à categoria de sócio honorário (Rio de Janeiro, 23 de julho de 1873) todos estes documentos e aqueles anteriormente referidos, estão arquivados na Biblioteca Nacional. Nesta relação não se encontra uma honraria da maior importância: comenda da Imperial Ordem da Rosa, em remuneração dos relevantes serviços prestados à Imperatriz, em sua viagem para o Brasil (1843).

“Foi talvez o unico sabio do seu tempo, no Brazil, que realizou trabalhos solidos na sua especialidade e legou á posteridade documentos comprobatorios de uma grande competencia e operosidade.” (LACERDA, 1907:XII).

Bibliografia cearense

Toda a bibliografia de Francisco Freire Allemão, relativa à então província do Ceará, decorre dos trabalhos desenvolvidos pela Comissão Científica de Exploração, durante a sua permanência em terras cearenses (4/2/1859 – 13/7/1861). O herbário montado conta-

va 14.000 excicatas, bem guardadas em caixas de cedro revestidas de folha-de-Flandres, entregues ao Museu Nacional.

Já nos referimos aos 9 volumes da ["Flora Cearense"], manuscritos depositados na Biblioteca Nacional (BN I-28,7,2-10). Cerca de 700 estudos botânicos foram por ele realizados, no tempo da sua permanência no Ceará.

*** BRASIL – 1862 – *Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração. I – Introdução*. Typographia Universal de Laemmert, CLXX pp., Rio de Janeiro.

Trata-se do relatório geral dos trabalhos desenvolvidos no Ceará pela Comissão Científica de Exploração, apresentado e lido por Francisco Freire Allemão em sessões do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, nos dias 22 de novembro e 6 de dezembro de 1861. É evidente ser ele o autor deste texto, se consideramos a sua condição de presidente da Comissão, a seriedade com que realizava os seus encargos profissionais e a iniciativa de apresentá-lo à consideração de tão ilustre instituição, em sessões presididas pelo próprio imperador Pedro II.

Logo no início do documento foi dada a explicação para a escolha da província do Ceará, para os estudos pioneiros da Comissão: as supostas riquezas minerais, cujos estudos iniciais foram conduzidos pelo naturalista João da Silva Feijó (NOBRE, 1978; PAIVA, 1991). Também, existe menção às dificuldades e privações enfrentadas pelos expedicionários em terras cearenses, informando que "... não poucos, retirarão-se por doentes, de modo que na volta a comissão scientifica contava cerca da metade do pessoal em que se tinha organizado." (página III).

A parte histórica destaca a necessidade dos brasileiros conhecerem o seu país, "porque se é de boa philosophia que o homem se conheça a si proprio, é de melhor politica que qualquer paiz trate de conhecer os seus recursos para saber o que possui, de os catalogar para saber onde existem, e de os aquilatar para saber quanto valem." (página IX); descreve os antecedentes que levaram à proposta de criação da Comissão, apresentada na sessão de 30 de maio de 1856 do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, sua aprovação e encaminhamento ao conselheiro Luiz Pedreira do Couto Ferraz, ministro e secretário de estado dos negócios do Império, que cuidou da sua aceitação no âmbito do governo imperial; fala da sua constituição em cinco diferentes seções, com os respectivos chefes e da elaboração das instruções especiais reguladoras dos trabalhos a serem desenvolvidos, transcrevendo-as na íntegra.

Ainda na parte histórica, relata os deslocamentos da Comissão para o Ceará e sua instalação em Fortaleza, em dependências do Liceu Cearense; lista o pessoal desembarcado no dia 4 de fevereiro de 1859, posteriormente acrescido com a vinda de mais quatro dos seus membros; menciona os entraves burocráticos decorrentes da instalação e funcionamento da Comissão; relata os primeiros trabalhos realizados em Fortaleza e seus arredores, pelas diferentes seções, anunciando resultados preliminares.

Por fim, descreve as viagens efetuadas pelo pessoal das cinco seções; as coletas de informações junto às populações locais, de dados e material científicos; as conclusões dos estudos realizados; as providências para a suspensão dos trabalhos e regresso da Comissão à cidade do Rio de Janeiro, deixando o porto de Fortaleza em 13 de julho de 1861.

A seguir, estão os relatórios dos membros da Comissão, lidos no Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, correspondentes a três das suas seções, assinados pelos respectivos autores: Seção Botânica Francisco Freire Allemão, datado em 4 de dezembro de 1861 (páginas XCIII-CXIX); Seção Geológica Guilherme Schüch de Capanema, datado em 4 de outubro de 1861 (páginas CXX-CXLIII); Seção Zoológica Manoel Ferreira Lagos, datado em 6 de dezembro de 1861.

Tendo em vista o objetivo central deste trabalho, acima anunciado, vamos agora tratar apenas do relatório da Seção Botânica, que é composto de três partes: itinerário das viagens, vegetação das regiões botânicas e considerações gerais sobre as atividades agrícolas.

Antes do início das grandes viagens ao interior do Ceará, no tempo de permanência da Comissão em Fortaleza, a Seção Botânica explorou a área litorânea da capital cearense e serras mais próximas, colhendo bons resultados, pois estava no tempo da florescência, decorrente do período invernososo.

Face à decisão de andarem juntas as Seções Botânica e Zoológica, ambas deixaram Fortaleza em 16 de agosto de 1859, viajando com destino à cidade de Aracati, onde chegaram em 27 do mesmo mês. Viagem estimada em cerca de 30 léguas, através de tabuleiros arenosos e de minguada colheita botânica, por ser a vegetação muito semelhante àquela dos arredores de Fortaleza. Em Aracati os expedicionários permaneceram 23 dias, com particular interesse na exploração das dunas, que apresentavam flora variada, e dos serrotes, estes com vegetação escassa e enfezada, refletindo a natureza do sertão.

Deixaram Aracati nos meados de setembro, em plena estação seca, acompanhando os cursos do rio Jaguaribe até Icó e do rio Salgado até Missão Velha, entrando a seguir no vale do Cariri, num trajeto de 80 léguas.

Entre Aracati e Icó, as matas estavam desfolhadas, mas algumas árvores permaneciam com as suas copas verdes – oiticica, marizeira e juazeiro –, e outras estavam em floração – carnaúba, pereiro e juazeiro; nas margens do Jaguaribe o naturalista observou verdadeiras florestas de carnaúba. A chegada ao Icó ocorreu no dia 7 de outubro, onde se demoraram cerca de 40 dias, no estudo das plantas sertanejas, em grande parte floridas.

Partiram do Icó em busca de Lavras da Mangabeira, ali se demorando por 12 dias, ainda dedicados ao estudo das plantas sertanejas, deixando-a em 3 de dezembro para chegarem ao Crato no dia 8 seguinte.

O nosso homenageado se emocionou com a visão da chapada do Araripe: o altiplano seco coberto de vegetação denominada de agreste, seus flancos escarpados (talhados), donde brotam fontes perenes e com vegetação luxuriante. “Erão os Cariris, nos tempos primitivos, sombreados de alterosas matas, de que hoje alguns restos estão mostrando o que já forão.” (página XCVI).

No tempo de sua permanência no Cariri, excursionou até Exu (Pernambuco) através da chapada do Araripe e foi a Jardim, donde regressou ao Crato, passando por Barbalha. Em 8 de março se separou dos companheiros de viagem, voltou a Fortaleza, onde chegou no dia 21 de abril de 1860.

Tendo que ir ao Rio de Janeiro, entregou a direção dos trabalhos da Seção Botânica ao seu adjunto e sobrinho Manoel Freire Allemão, que a levou do Crato a Baturité, após completar a exploração do Cariri, compreendendo matas virgens das nascentes e matas de substituição (capoeiras). Na viagem em procura de Baturité, os expedicionários passaram por Assaré, Saboeiro, São João do Príncipe e Tauá, chegando à serra Grande (chapada da Ibiapaba), donde regressaram a Tauá; dali entraram no sertão de Mombaça, passando por Quixeramobim e seguindo viagem para a serra de Baturité, chegando em agosto a Fortaleza.

Já de volta ao Ceará, Francisco Freire Allemão reassumiu a chefia da Seção Botânica, que saiu de Fortaleza no dia 9 de outubro, em direção à serra Grande, passando por Uruburetama e Ipu, onde se demorou fazendo herborização e outros estudos; dali subiu a ser-

ra, alcançando Campo Grande, São Benedito e São Pedro, descendo até a gruta de Ubajara; em 1º de dezembro chegava a Viçosa, onde ficou por quase um mês, quando chegou a terras do Piauí; em 29 de dezembro desceu em busca do sertão, passando pela serra da Meruoca; a chegada a Sobral se deu em 9 de janeiro de 1861, por lá se demorando durante 12 dias.

Saiu de Sobral em direção a Baturité, alcançando Canindé em 29 de janeiro, para 6 dias de descanso; no dia 6 fevereiro estava em cima da serra de Baturité. “Soberbas matas formão seu manto de verdura, já hoje em grande parte substituídas por lavras de café, que é de excellente qualidade.” (página CIII). Descendo por Baturité se demorou em Acarape e Pacatuba, chegando a Fortaleza em 4 de março, completando uma viagem de 160 léguas, na sua totalidade.

A seção ainda esteve nas serras de Maranguape e da Aratanha, concluindo suas viagens na província do Ceará.

“Antes de deixar esta parte [do relatório] corre-me o dever de manifestar que por toda a provincia fomos bem aceitos. Na choupana do pobre tivemos abrigo hospitaleiro; na habitação do rico acolhimento franco e cordial; e na administração, desde os altos funcionarios até empregados subalternos todo o auxilio official; e particularmente, aqui fallo por mim, obsequios e atenções, de que me confesso penhorado.” (página CIV).

Francisco Freire Allemão identificou três regiões botânicas no Ceará, compreendendo o litoral, as serras e o sertão.

As serras úmidas (Aratanha, Maranguape, Baturité e outras) estavam cobertas por matas densas, sempre verdes, tendo como principais árvores as seguintes: maçaranduba, pau-d'arco-amarelo, piroá, angelim, mamaluco, louro, jatobá, pau-d'oleo, bálsamo, canafístula, coração-de-negro, jacarandá e palmeiras. Pelas suas fraldas e áreas circundantes se encontravam as **matas de pé de serra**, cujas principais espécies logo relacionamos: cedro, pau-d'arco-roxo, jurema-branca, angico, camunzé, piquiá, maniçoba, tatajuba, pajaú, pacoté, pau-d'oleo, almécega, timbaúba, mutamba, conduru, inharé, mororó, catanduba, jenipapo, piqui, faveira, visgueiro e catolé. Este conjunto corresponde à região botânica das serras.

A região do sertão, no seu entendimento, compreendia quase toda a província do Ceará, revestida de matas denominadas **caatingas**, onde predominam espécies que perdem as folhas na estação seca (verão), tais como sabiá, jurema, pereiro, mofumbo, catingueira e outras. Suas árvores de maior porte são as seguintes: aroeira, pau-

d'arco-roxo, angico, gonçalo-alves, marfim, cumaru, violete, coração-de-negro, braúna e pau-branco. Nos locais mais áridos e pedregosos ele encontrou a vegetação do **carrasco**, tendo como espécies características: umari-bravo, mofumbo-de-carrasco, marmeleiro, ameixeira e canela-de-veado. As **caatingas** e o **carrasco**, juntamente com a vegetação dos **cobertos** e das **ribeiras**, constituem a região botânica do sertão.

Na faixa litorânea, atrás das dunas estão os tabuleiros arenosos, com vegetação baixa, rala e sempre frondosa, tendo como principais espécies: cajueiro, cajazeira, mangabeira, manapuçá, uvaia, murici, guajiru, cauçu, janaguba, barbatimão, lacre, embira, batiputá, candeia, jutaí, peroba, pau-ferro, paraíba e sambaíba. A vegetação das dunas e dos tabuleiros litorâneos formam a região botânica do litoral.

Numa tentativa de melhor compreensão do texto deixado por Francisco Freire Allemão, referente à vegetação nativa por ele observada na província do Ceará, apresentamos no anexo I as correspondências entre nomes vulgares e científicos, com base no conhecido dicionário de plantas elaborado por BRAGA [(1953) 1960].

No tocante às atividades agrícolas praticadas na província do Ceará, desde logo chama a atenção para as lavouras da mandioca, do milho, do arroz e do feijão, como principais fornecedoras de alimento para a população; destaca os cultivos das fruteiras mais comumente encontradas mangueiras, ateiras, laranjeiras, abacateiros, jaqueiras, etc.; cuida das plantas que dão produtos industriais cana-de-açúcar, algodão, café, fumo e carnaúba. A respeito destas plantas, trata das épocas e locais de cultivo mais apropriados, fala da introdução no espaço cearense, apresenta dados da produção e discute as perspectivas da exploração agrícola/industrial. Com base no conhecimento dos ambientes encontrados, recomenda novos cultivos a serem desenvolvidos no Ceará, tanto de espécies nativas como de outras já domesticadas, mostrando clara visão do futuro.

Por fim, Francisco Freire Allemão faz um balanço da coleção de plantas cearenses, dizendo que tem mais de doze mil excicatas, abrigando 110 famílias, informando que do seu estudo e das anotações feitas no tempo da permanência no Ceará, resultarão três volumes, assim denominados: *Catálogo sistemático das plantas colhidas no Ceará pela Comissão Científica de Exploração*, *Flora do Ceará* e *Geografia botânica do Ceará*. As suas precárias condições de trabalho e o pouco tempo de vida que lhe restou, não lhe permitiram realizar tal intento, o que muito lamentamos!

*** ALLEMÃO, F. F. - 1862 - *Myracrodon urundeuva* - Vulgo Aroeira. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 1º folheto: 3-6, [2] ests.

Texto em latim, com a descrição da aroeira, em gênero e espécie novo(a). Informa se tratar de árvore muito freqüente no bioma da caatinga, no interior do Ceará.

Segundo DUCKE (1959), o nome atual desta espécie é *Astronium urundeuva* (F. All.) Eng.; assim, o gênero descrito por Francisco Freire Allemão caiu em sinonímia, permanecendo válida a sua espécie, ver os comentários de GAMA (1875) e STELLFELD (1948), ambos concordando com a substituição do nome genérico e com o novo binômio latino que identifica a espécie.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1862 - *Pterygota brasiliensis* - Vulgo Piraoá. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 1º folheto: 7-9, [1] est.

Texto em latim, com a descrição do piraoá (piroá) como espécie nova. Informa se tratar de árvore nativa das florestas primárias do Ceará, mais freqüentemente encontrada nas serras de Baturité, Aratanha e Maranguape.

Segundo DUCKE (1959), o nome atual desta espécie é *Basilloxylon brasiliense* (F. All.) Schum.; assim, houve apenas substituição do nome genérico e correção do nome específico.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1862 - *Cordia oncocalyx*. In provincia Ceará **pão-branco** nominatur. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 1º folheto: 11-14, [1] est.

Texto em latim, com a descrição do pau-branco como espécie nova. Informa se tratar de árvore abundante no Ceará, tanto no sertão como nas matas costeiras, servindo para diversos usos.

Segundo DUCKE (1959), o nome atual desta espécie é *Auxemma oncocalyx* (F. All.) Taub.; assim, houve apenas a substituição do nome genérico, permanecendo válida a espécie ver os comentários de STELLFELD (1948) sobre esta espécie, concordando com o novo binômio latino que a identifica.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1864 - *Torresia cearensis*. Vulgariter Cumarú appellatur in provincia Ceara. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 17-20, [1] est.

Texto em latim, com nota em português. Descrição do cumaru, com gênero e espécie novo(a). Trata-se de árvore comum no sertão do Ceará, que perde as suas folhas na estação seca.

DUCKE (1959) confirmou a validade do binômio latino, ver os comentários de GAMA (1875) e STELLFELD (1948) a respeito desta espécie.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1864 - *Tipuana auriculata*. Vulgo Páo de moco a Cearensibus nominata. *Trabs. Comm. Scient. Explor.* / *Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 21-24, [1] est.

Texto em latim, com nota em português. Descrição do pau-mocó como espécie nova. Trata-se de árvore encontrada nos lajeiros ou junto aos serrotes do Ceará, ambientes onde vive o mocó = *Kerodon rupestris* (Wied-Neuwied), roedor característico do bioma da caatinga, no nordeste do Brasil.

Segundo DUCKE (1959), o nome atual desta espécie é *Luetzelburgia auriculata* (F. All.) Ducke; assim, houve apenas a substituição do nome genérico, permanecendo válida a espécie, ver os comentários de STELLFELD (1948) a respeito do pau-mocó, concluindo pela aceitação do novo binômio latino que o identifica.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1864 - *Jussiaea fluctuans*. Nomem vulgare nullum. *Trabs. Comm. Scient. Explor.* / *Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 25-28, [1] est.

Texto em latim com nota em português. Descrição de planta aquática, que tem o nome vulgar de mão-de-sapo, encontrada nos arredores do Icó (Ceará). O binômio latino que identifica a espécie continua válido, o que confirma a espécie nova descrita por Francisco Freire Allemão [BRAGA, (1953) 1960].

*** ALLEMÃO, F. F. - 1864 - *Ribeirea calophylla*. Nomem vulgare ignotum. *Trabs. Comm. Scient. Explor.* / *Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 29-31, [1] est.

Texto em latim com descrição de gênero e espécie novo(a), sem registro do nome vulgar, de arbusto encontrado em cima da serra da Aratanha.

*** ALLEMÃO, F. F. - 1864 - *Ribeirea cupulata*. Nomem vulgare ignotum. *Trabs. Comm. Scient. Explor.* / *Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 32-33, [1] est.

Texto em latim, com descrição de espécie nova, sem registro do nome vulgar, referente a arbusto encontrado na chapada da Ibiapaba.

*** ALLEMÃO, F. F. – 1864 – *Ribeirea elliptica*. Nomem vulgare ignotum. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 34-35, [1] est.

Texto em latim, com descrição de espécie nova, sem registro do nome vulgar, referente a arbusto encontrado em tabuleiro arenoso perto de Fortaleza.

*** ALLEMÃO, F. F. – 1864 – *Ribeirea calva*. Nomem vulgare ignotum. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 2º folheto: 36-40, [1] est.

Texto em latim, com nota em português. Descrição de espécie nova, sem nome vulgar, referente a arbusto encontrado em tabuleiro arenoso perto de Fortaleza.

Observações sobre os quatro últimos trabalhos

O gênero *Ribeirea* foi dedicado ao padre João Ribeiro Pessoa de Melo, tendo sido descrito por Manuel Arruda da Câmara, conforme indica o *Index Kewensis*, com uma só espécie *Ribeirea sorbilis* Arr. Cam.. Este binômio caiu na sinonímia de *Hancornia speciosa* Gomes, a conhecida mangabeira, árvore da família das Apocináceas. Nos trabalhos consultados, não encontramos qualquer referência às quatro espécies descritas por Francisco Freire Allemão [BRAGA, (1953) 1960; DUCKE, 1959].

*** ALLEMÃO, F. F. – 1866 – Plantas ad ordinem Sapotacearum pertinentes omnes, quas in provincia Ceara reperi. *Trabs. Comm. Scient. Explor. / Secção Botanica*, Rio de Janeiro, 3º folheto: I-II + 43-76, [12] ests.

Aqui foram incluídas todas as plantas da família das Sapotáceas encontradas na província do Ceará, durante os trabalhos desenvolvidos pela Comissão Científica de Exploração, num total de 16 espécies, entre as quais estão aquelas que lhe pareceram ainda não descritas.

- 1 – *Minusops elata* Descrição em latim com notas em português. Árvore vulgarmente conhecida por maçaranduba, encontrada nas montanhas mais altas. Estão referidas para o Ceará duas espécies de maçaranduba: *Manilkara rufula* (Miq.) (= *Minusops rufula* Miq.) e *Manilkara triflora*

- (Fr. All.) (= *Minusops triflora* Fr. All.) ver BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
- 2 - *Minusops triflora* Descrição em latim. Árvore vulgarmente conhecida por maçaranduba, encontrada nos tabuleiros arenosos do litoral. O nome atual desta espécie é *Manilkara triflora* (Fr. All.) ver BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 3 - *Bumelia sartorum* Apenas com breve descrição em latim. Árvore vulgarmente conhecida por quixaba, encontrada no bioma da caatinga. Seu nome correto é *Bumelia sertorum* Mart. ver BRAGA [(1953) 1960].
 - 4 - *Lucuna montana* Descrição em latim, com nota em português. Conhecida por engasga-vaca e encontrada na serra de Baturité. Tanto o nome científico como o vulgar não são referidos em BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 5 - *Lucuna meruocana* Descrição em latim. Sem registro de nome vulgar, encontrada nos cumes das montanhas. Espécie não referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 6 - *Lucuna minutiflora* Descrição em latim. Sem registro de nome vulgar, encontrada na chapada da Ibiapaba. Espécie não referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 7 - *Lucuna rivocara* (Gaertn.) Vulgarmente conhecida por guititoroba, com o registro de sua ocorrência na chapada da Ibiapaba. Tanto o nome científico como o vulgar não são referidos por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 8 - *Lucuna venosa* (Mart. & Miq.) Sem registro de nome vulgar, ocorrendo em matas primárias. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 9 - *Lucuna parviflora* (Benth.) Sem registro de nome vulgar, encontrada nos tabuleiros arenosos do litoral, onde começa a mata. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
 - 10 - *Chrysophyllum glycyphloeum* (Cesareto) Conhecida por guaranhém no Rio de Janeiro. Apenas a suposição da sua ocorrência em terras cearenses. Redescrição em latim e nota em português. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).

- 11 – *Chrysophyllum cysneri* Descrição em latim. Sem registro de nome vulgar. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
- 12 – *Chrysophyllum perfidum* Descrição em latim, com nota em português. Vulgarmente conhecida por goerana, encontrada na chapada da Ibiapaba, perto de São Benedito. Tanto o nome científico como o vulgar não são referidos por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
- 13 – *Chrysophyllum tomentosum* Descrição em latim com nota em português. Vulgarmente conhecida por enquiri ou maçaranduba, encontrada na serra de Baturité. DUCKE (1959) supõe que se trata da maçaranduba-branca. Este verbete é registrado em BRAGA [(1953) 1960], apenas com a indicação do gênero.
- 14 – *Chrysophyllum cearensis* Descrição em latim com nota em português. Vulgarmente conhecida por oiti-bravo, encontrada na serra Azul (sertão do Ceará). Tanto o nome científico como o vulgar não são referidos por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
- 15 – *Chrysophyllum arenarium* Descrição em latim. Sem registro de nome vulgar, encontrada nos tabuleiros arenosos próximos de Fortaleza. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).
- 16 – *Chrysophyllum obtusifolium* Descrição em latim. Sem registro de nome vulgar, encontrada na chapada do Araripe. Não é referida por BRAGA [(1953) 1960] e DUCKE (1959).

*** ALLEMÃO, F. F.; SERRÃO, C. A.; LADISLAU NETTO, [] & GAMA, J. S. – 1867 – *Breve noticia sobre a collecção das madeiras do Brasil apresentada na Exposição Internacional de 1867*. Typographia Nacional, 32 pp., Rio de Janeiro.

Relação de árvores do Brasil, com 371 verbetes de seus nomes vulgares. Trabalho com textos em português e francês. Em geral, para cada árvore são apresentadas informações sobre suas dimensões e usos, estes com maior atenção para a madeira, bem como a(s) província(s) onde é encontrada.

Com expressa referência à província do Ceará, foram relacionadas as seguintes árvores: acende-candeia = *Echyrospermum* sp., amarelinho-da-serra = *Galipea* ? sp., cutitiribá = *Lucuna* sp., espinheiro não identificada, petintuiba não identificada e rabugem =

Platymiscium sp.. É claro que a província do Ceará está incluída nas áreas de ocorrência das espécies, quando definidas como norte do país ou mesmo quase todo o Brasil, portanto, sem menção direta a nomes de províncias.

Segundo BRAGA [(1953) 1960], os nomes vulgares acima apresentados correspondem às seguintes espécies, com as respectivas famílias: acende-candeia = *Plathymenia reticulata* Benth., da família das Leguminosas; amarelinho-da-serra = *Buchenavia capitata* Eichl., da família das Combretáceas; rabugem = *Platymiscium piliferum* Taub., da família das Leguminosas.

MANUSCRITOS CEARENSES

Francisco Freire Allemão sempre manteve intensa correspondência com botânicos famosos, familiares e amigos. Por outro lado, anotava tudo que lhe parecia de importância, para guardar a memória, tendo em vista utilização nos futuros relatórios e/ou estudos botânicos. Através de suas cartas e anotações, podemos bem avaliar o que pensava sobre assuntos os mais diversos, porque elas não se destinavam ao conhecimento público, dando expressão às próprias idéias, sem medo das censuras e do controle social.

Os manuscritos deixados por nosso homenageado estão, em sua maior parte, depositados na Biblioteca Nacional (BN), cuja relação se encontra em DAMASCENO & CUNHA (1964), compreendendo documentos biográficos, correspondência ativa, correspondência passiva, correspondência alheia, miscelâneas científicas, monografias e comunicações, estudos botânicos, papéis da expedição ao Ceará, notas várias e documentos interessantes e trabalhos de autoria alheia.

Os papéis da expedição ao Ceará formam agrupamentos distintos, a saber: 1 diários, 2 notas e informações, 3 notas documentais e 4 desenhos. Causa espécie que os estudiosos do Ceará, nos mais diferentes campos do conhecimento, ainda não tenham dado melhor atenção a este acervo documental. Mesmo o nosso Raimundo RENATO de Almeida BRAGA, em sua conhecida obra sobre a Comissão Científica de Exploração (BRAGA, 1962) não se utilizou destas fontes de informação, embora apresente desenhos e aquarelas deixados(as) por José dos Reis Carvalho, com imagens do Ceará nos anos de 1859-1861, quando esteve a serviço a mencionada expedição científica.

Muito dos manuscritos da autoria de Francisco Freire Allemão, relativos ao Ceará, foram transcritos por DAMASCENO & CUNHA (1964),

seleção que abriga aqueles considerados como de maior importância por estes pesquisadores da Biblioteca Nacional. Neste trabalho, vamos respigar aspectos da natureza cearense, encontrados nos documentos transcritos, fazendo os devidos comentários.

*** Notas sobre Fortaleza e seus arredores, incluindo as serras da Aratanha e Maranguape. Manuscritos BN I-28,8,1, BN I-28,8,15 nº 1, BN I-28,8,16 nº 1, BN I-28,8,17, BN I-28,8,19, BN I-28,8,16 nº 2, BN I-28,8,20, BN I-28,8,15 nº 2, BN I-28,8,21, BN I-28,8,23, BN I-28,8,25; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 195-269; período de 16/2 a 5/7/1859.

Identifica os diferentes tipos de vegetação, destacando as famílias predominantes e as espécies mais freqüentes, compreendendo mangues, dunas, tabuleiros arenosos, várzeas, matas costeiras e matas das serras úmidas (Aratanha e Maranguape), com anotações sobre épocas de floração e frutificação, ambientes preferidos, dimensões e usos das plantas encontradas nos diferentes biótopos.

Informa que nos arredores de Fortaleza, em faixa de dois a três quartos de légua de largura, a partir da borda do mar, havia mato-cerrado, com moitas de arbustos e pequenas árvores, cobrindo os tabuleiros arenosos do litoral; após os areiais da costa, quando apareciam terrenos mais barrentos, notou mudança na vegetação, com a presença dos carnaubais nas baixadas úmidas, enquanto a maniçoba e o pau-branco marcavam a ocorrência da mata costeira, ficando mais abundantes nas proximidades da serra da Aratanha; nos sopés das serras da Aratanha e Maranguape, em suas fraldas e cumes, encontrava-se vegetação vigorosa, com grandes árvores de construção.

Ao descrever as construções de Pacatuba, menciona as madeiras mais usadas, tais como: esteios de aroeira, coração-de-negro, jucatá e pau-ferro; barrotes de aroeira; portadas de pau-branco; portas, revestimentos e forros de cedro; madeiramento do ar (cobertas) de carnaúba e pau-d'arco; e, sabiá para tudo, nas casas dos pobres. Estas são boas indicações da abundância de tais árvores nas matas adjacentes, onde se encontrava grande número de frutos silvestres e rica fauna de aves nativas.

O vale do Baú estava coberto por mata nativa de grandes árvores, anotando as seguintes: abundância de angico, catingueira, jurema-amarela, maniçoba, pau-branco, pau-d'arco (roxo) e purga-de-leite; aroeira e cedro já se tornavam raras; presença de juazeiro, jucatá e marizeira; bastante carnaúba e catolé.

Nos chamados **carrascos** (matas costeiras de pequeno porte), as espécies dominantes correspondiam à catingueira, imburana, jurema, marmeleiro, mororó, pereiro e piquiá.

Apresenta interessantes observações sobre o deslocamento das dunas e o soterramento das árvores do cajueiro e murici, suas reações e formas assumidas.

Ainda cuidando da serra da Aratanha, deixou a informação da quantidade e variedade de grandes serpentes, mencionando expressamente a cascavel, jararaca, jibóia e surucucu. Relaciona os insetos "incomodos", fala da abundância de morcegos e trata dos estragos causados nas plantações pelo mocó, preá e punaré.

*** Viagem de Aracati ao Icó, acompanhando o curso do rio Jaguaribe. Manuscritos BN I-28,1,70B, BN I-28,8,28. BN I-28,8,31, BN I-28,8,34, BN I-28,8,37 e BN I-28,8,38; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 152-155 e 270-290; período de 25/8 a 25/10/1859.

Deu boa atenção às chamadas várzeas do Aracati, por onde se expande o rio Jaguaribe nas cheias, ficando com as camboas na época seca. Nas margens destas coleções d'água vegetam o juazeiro e a marizeira; toda a área da baixada estava ocupada por denso carnaubal.

As dunas próximas de Aracati tinham menos de uma légua de largura e estavam cobertas por moitas e árvores dispersas, ou então por um carrasco de espinho. O serrote do Araré encontrava-se revestido por mata densa.

Tratou dos estrondos registrados no morro pelado do Cumbe e outros que ficam no seu entorno, com o estremecimento e deslocamento da areia, chegando a levantar a hipótese da ocorrência de antigos vulcões, cobertos pelo areal.

Assinalou com precisão as mudanças observadas na transição entre a baixada costeira e o sertão, com o estreitamento do vale, terreno irregular, coberto pela caatinga e pelos capins panasco ou mimoso. Informou ser a caatinga constituída de árvores de pequeno porte, com a predominância do sabiá, jurema, pereiro, angico e aroeira, com a oiticica, marizeiro e jaramataia nos baixios ou vales frescos, que permanecem com folhas na época seca.

Um aspecto interessante das suas anotações diz respeito à avifauna da caatinga, abundante e variada, assinalando espécies residentes e migradoras, as primeiras principalmente abrigadas nos carnaubais, das segundas se destacando a pomba-de-bando.

Eram abundantes os pica-paus, quenquém, canários, graúna, jandaias, maracanã, pombas diversas, etc. Havia quantidade espantosa da pomba-de-bando (avoante), formando pombais para reprodução nas proximidades dos poços dos rios, largando seus ovos pelo chão e atraindo toda sorte de predadores.

Vejamos uma longa citação, para melhor transmitir as primeiras impressões de Francisco Freire Allemão sobre o sertão jaguaribano, por ele percorrido do Aracati ao Icó:

“Eis agora o que vi um país todo montuoso, tendo às vezes lombadas de muitas milhas de extensão, deixando entre si estreitos vales, ou grotões; demasiadamente pedregosos, e raras vezes mostrando uma vargem de certa extensão, ou uma meia laranja rasa e larga; com intervalos de léguas vê-se o leito arenoso e largo dum rio, antes torrente, pois só correm no tempo das chuvas. Êsses montes, tabuleiros e vales são cobertos de catingas ou carrascos, isto é duma vegetação especial, e de árvores sôltas, cujo porte é o de uma laranjeira ordinária, daí para baixo, e raramente mais alto. Tudo está sem fôlha, e como se por ali houvesse passado o fogo; por baixo dessas árvores o terreno é todo coberto de **panasco**, e **mimoso**, que são os pastos suculentos de tôda a sorte de gado, e que também sêco tem o aspecto loiro de uma vasta, e continua seara. Quando um homem se acha no alto dum dêsses oiteiros, torrados, e que lança a vista ao longe observa no meio dessa aridez correrem cintas largas duma verdura admirável, que vão seguindo as voltas dos rios, e das grotas frescas; são pela maior parte magníficas oiticicas, que se parecem com gigantescas mangueiras, e que tanto mais viventes são quanto maior é a sêca, diz a gente do país.” (*in* DAMASCENO & CUNHA, 1964: 153).

Em sua viagem para o Icó, encontrou água apenas nos poços e cacimbas cavadas nos leitos ou vizinhanças dos rios. A água das cacimbas era sempre de má qualidade, tornando-se agradável quando guardada de um para o outro dia.

*** Viagem de Icó ao Crato, acompanhando o curso do rio Salgado. Manuscritos BNI-28,8,39, BNI-28,8,40, BNI-28,8,42, BNI-28,8,44, BNI-28,8,45 e BNI-28,8,46; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 291-307; período de 19/11/1859 a 11/2/1860.

Descreveu o boqueirão através do qual passa o rio Salgado, nas proximidades de Lavras da Mangabeira, em cujos arredores encontrou um terreno ligeiramente acidentado, denominado Campestre, coberto de pasto, com pequenas moitas e raras árvores maiores, es-

tas quase sempre da aroeira. O aspecto que lhe pareceu novo, naquele lugar, foi a ocorrência de plantas dos tabuleiros arenosos do litoral.

Relatou visita feita ao Engenho Formoso, coberto de **caatinga** e **carrasco**, onde encontrou boas matas e muita madeira, tais como aroeira, braúna, pau-d'arco, pereiro, etc.; também, um grande açude com abundância de peixes, como curimatã, traíra, bagre, branquinho, etc. Disse haver na freguesia de Lavras da Mangabeira 58 açudes, todos de recente construção.

A respeito da chapada do Araripe, tratou da vegetação encontrada na parte do sopé, vertente a alto, destacando espécies características de suas matas, por ele ainda não vistas em terras cearenses ou mesmo desconhecidas. No alto da chapada, de terreno plano e muito absorvente da água das chuvas, observou vegetação rasteira folhada (tabuleiro), com grandes árvores esparsas de visgueiro, jatobá, mangaba, piqui e outras hoje sabemos que ali está uma disjunção do cerrado.

Ainda com referência à chapada do Araripe, viu nos sítios da vertente e no planalto muitas frutas silvestres, destacando as palmeiras (macaúba, buriti e catolé), piqui, mangaba, araticum, pitomba, ingá, araçá, jenipapo, bacumixá, bacupari, etc. Diz ter visto poucos pássaros, mais encontrados nos arrozais e canaviais da baixada, onde os cultivos sofriam ataques da patativa, periquito, cabeça-vermelha, azulão, papo-vermelho, galinha-d'água e outras espécies da avifauna nativa. Considerou o rato-de-cana como verdadeira calamidade, principalmente nos meses de setembro e outubro, quando destrói as plantações de arroz e cana-de-açúcar, sendo combatido pelo fogo, servindo de alimento para os pobres, que muito o apreciavam pelo sabor e abundância. Falou ainda de nuvens do gafanhoto de ventre vermelho, causadores de estragos nas lavouras, principalmente nas bananeiras.

*** Viagem de Fortaleza a Sobral, com permanência na chapada da Ibiapaba. Manuscritos BN I-28,8,59, BN I-28,8,62, BN I-28,8,63, BN I-28,8,66, BN I-28,8,67 e BN I-28,8,69; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 318-334; período de 5/11/1860 a 7/1/1861.

Na sua caminhada subindo a chapada da Ibiapaba anotou cuidadosamente as espécies e respectivas abundâncias de plantas encontradas no sopé e vertente, mencionando suas características, fases do ciclo vegetativo e usos diversos. No alto da chapada encontrou

vegetação semelhante à dos tabuleiros do litoral. No conjunto, considerou a flora da chapada da Ibiapaba muito parecida com a que antes havia observado na chapada do Araripe e seus arredores.

Com respeito à fauna ibiapabana, informou que os macacos apreciavam os frutos da maria-preta e que os veados, cutias e jacus comiam a fruta da merendiba.

Foi informado por velha moradora da Meruoca, que tudo por ali era coberto de matas, com abundância de caça veados, porcos-domato, pacas, macacos, guaribas, etc.

*** Anotações sobre a serra de Baturité. Manuscrito BN I-28,8,74; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 343-345; período de 8 a 17/2/1861.

Pouco tratou dos aspectos naturais da serra de Baturité, dizendo apenas haver encontrado cursos d'água perenes e grandes matas nas partes mais altas, assinalando os desmatamentos para os cultivos, com destaque do café.

O Homem e o tempo

Quem passa os olhos pela vasta bibliografia referente a Francisco Freire Allemão, de pronto identifica algumas das suas grandes qualidades, que bem justificam o elevado conceito científico que mereceu em seu tempo: a formação profissional, aliada a pendores para o desenho; a quase que total dedicação à vida acadêmica, em trabalho continuado e profícuo; as tentativas de agrupamento dos cientistas em sociedades propiciadoras do desenvolvimento de suas atividades, inclusive com periódicos para a publicação dos estudos e memórias por eles escritos(as).

Todos os seus biógrafos ressaltam aspectos de bondade e desprendimento, constantes em sua vida: dedicação à família e aos amigos; cuidados com a pobreza, ele mesmo um desprovido de bens materiais; seriedade em suas atitudes e no trabalho, como cidadão consciente de suas responsabilidades perante a pátria que tanto amou; humildade associada com a vaidade pelo trabalho produzido, sem subserviência perante os poderosos e cientistas estrangeiros de renome.

Para melhor comprovar o que acima afirmamos, convém fazer algumas citações de trechos de suas cartas, com os devidos comentários de nossa autoria.

Cartas a Karl Friedrich Phillip von Martius

"Por ora estou ajuntando materiais; no entanto as plantas cujo estudo estiver mais completo as irei publicando servindo-me de algum jornal do Rio de Janeiro, unicamente como ensaio e para sôbre elas ouvir o parecer dos sábios europeus: à medida que as for publicando remeterei a Vossa Senhoria um exemplar acompanhado de uma amostra da planta." (BN 13,2,15 nº 3, 20/7/1844; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 117). **Comentários:** mostra precaução com respeito à autoria das suas investigações; apesar de ter sido o primeiro grande cientista brasileiro em atividade em nosso país, publicou seus trabalhos em jornais/revistas do Rio de Janeiro, numa afirmação de independência frente aos seus colegas estrangeiros.

"As expressões, que aí encontro cheias de benevolência para comigo, eu as recebo como incentivos, para novas diligências, e com as quais eu poderei ir-me aproximando a merecê-las." (BN 13,2,15 nº 13, 30/8/1848; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 127). **Comentários:** aqui evidencia o valor do trabalho persistente e a humildade/ vaidade do cientista consciente dos seus próprios méritos.

"Eu tinha assinado na casa Laemmert um exemplar da sua magnífica *Flora Brasiliensis*, cuidando então, que sua publicação se concluisse no tempo do meu professorado; mas não acontecendo assim, e tendo eu de jubilar-me no ano que vem, ficando com os meus ordenados muito reduzidos, não me é possível continuar a ser subscritor de uma obra tão cara, isto com bastante pesar meu, e mesmo não sem alguma vergonha." (BN 13,2,15 nº 17, 23/11/1851; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 137). **Comentários:** trata da pobreza e do abandono do cientista brasileiro, por uma sociedade que não lhe dá o devido valor e não considera a Ciência como fator do desenvolvimento nacional; nos dias que correm, parece absurdo que uma pessoa tão importante e amigo do imperador Pedro II, não usufruisse destas condições para acumular riqueza, inclusive valendo-se da corrupção do serviço público.

Carta a Friedrich Ernest Ludwig von Fischer

"Começo a provar a indizível satisfação de me ver elogiado e estimulado por homens eminentes das ciencias, o que considero como maior prêmio de minhas fadigas, e que me impõe o dever de continuar com mais zelo e obstinação." ... "Escolhi de preferência o estudo das árvores, porque foi o mais abandonado (necessariamente devido

às dificuldades que apresenta) e é para nós de maior utilidade.” (BN 13,2,15 nº 8 em francês, 13/5/1847; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 123). **Comentários:** reafirma o valor do trabalho competente e continuado; destaca a vaidade e o amor próprio do cientista, pelo reconhecimento do seu valor; aceita desafios e bem avalia a importância dos seus estudos em favor do povo brasileiro.

Carta a Augustin Saint-Hilaire

“E se eu devo ser acusado de arrojarmos-me a uma empresa tão superior às minhas forças, não tenho por desculpas senão o desejo de ser de alguma maneira útil ao meu país.” ... “Nossas florestas, timbre do solo brasileiro à admiração do estrangeiro, e uma das nossas mais preciosas riquezas, vão sendo destruídas pelo machado e fogo, com uma imprevidência pertinaz e estulta. Delas em pouco só restará a memória com tardio arrependimento.” (BN 13,2,15 nº 18, 23/11/1851; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 138). **Comentários:** mais uma vez se mostra patriota e põe a sua ciência ao serviço do Brasil; faz previsão científica e deixa mensagem de conservacionista da natureza brasileira.

Carta a Maximilian Alexander Phillip (príncipe de Wied-Neuwied)

“O amor que tenho pelo estudo dos vegetais (não como sábio botânico, como Vossa Alteza gosta de me chamar, mas na qualidade de aprendiz) cresce diariamente, não só porque me distrai, me deleita, e me ocupa; mas também porque me proporciona os louvores, e os estímulos dos botânicos célebres, a cujo parecer submeti meus pobres trabalhos, e agora, Príncipe, porque foi motivo de que meu nome fosse conhecido de Vossa Alteza e que Ela quizesse honrar-me com uma carta de sua mão, cujas frases são cheias de bondade e tão desvanecedoras para mim. Eis aí, Príncipe, o prêmio que mais ambiciono em troca das fadigas, que suporte, e dos perigos a que me exponho, percorrendo florestas virgens, e sob a influência do clima quente e úmido do Rio de Janeiro, que Vossa Alteza conhece por experiência própria.” (BN 13,2,15 nº 24 em francês, 20/11/1853; DAMASCENO & CUNHA, 1964: 143). **Comentários:** ressalta dedicação aos estudos botânicos; mais uma vez se mostra com a humildade/vaidade do cientista; assinala o valor da Ciência para a sua própria vida!

Depois de tão longo texto de respeito e louvação a Francisco Freire Allemão, persiste no autor a inquietação e a dúvida suscitadas pelo fato comprovado de sequer mencionar a existência da obra de João da Silva Feijó *Collecção Descritiva das Plantas da Capitania do Ceará* (ver NOBRE, 1978 e 1984; PAIVA, 1991), bem como o famoso livro de George Gardner, na parte referente ao Ceará, com longa permanência e abundante coleta de material botânico na zona do Cariri, incluindo a chapada do Araripe e a baixada úmida [ver GARDNER, (1846) 1942; PAIVA, 1993], nos seus estudos sobre a flora cearense, principalmente no relatório da Seção Botânica / Comissão Científica de Exploração. Considerando o seu próprio e bem evidente valor, fica difícil compreender as razões destas graves faltas, comprometedoras da ética científica, caracterizando tentativa de esconder os trabalhos de seus antecessores, referentes à flora do Ceará.

Devemos a Francisco Freire Allemão a condução dos trabalhos da primeira expedição genuinamente científica que andou por terras do Ceará. Foi ele o primeiro botânico de renome que viu a natureza cearense na integridade do seu espaço, propondo um zoneamento fitogeográfico, com o destaque de zonas e de espécies que as caracterizam.

A impossibilidade da continuação de publicação dos *Trabalhos da Comissão Scientifica de Exploração / Secção Botanica*, por medida de economia imposta pela guerra com o Paraguai, nos causou perda científica valiosa e desperdício do dinheiro gasto para a coleta do material botânico depositado no Museu Nacional.

Agradecimentos: Somos gratos às pessoas e instituições que nos auxiliaram a preparar este trabalho, possibilitando o acesso à bibliografia rara e dispersa. Em particular, deixamos os nossos agradecimentos a José Fernando Pacheco e aos bibliotecários da Biblioteca Nacional e do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro, pela ajuda que nos foi proporcionada, sem a qual não teríamos levado o nosso intento avante, com o preparo do texto agora apresentado à consideração do povo brasileiro.

Bibliografia Consultada

Os trabalhos referidos no texto, acima apresentado, estão indicados por asterisco, precedendo os nomes dos respectivos autores.

- * ABREU, E. A. P. – 1876 – Dr. Francisco Freire Allemão. *Annaes Brasiilienses de Medicina*, Rio de Janeiro, XXVIII (1): 18-22.
- * ALLEMÃO, F. F. – 1831 – *Dissertation sur le goitre*. Thèse presentee et soutenue à la Faculté de Medicine de Paris, le 10 decembre 1831, pour obtenir le grade de Docteur en Medicine, 46 pp., Paris.
- * ALLEMÃO, F. F. – 1874 – *Noticia sobre a minha vida*. Manuscrito autobiográfico, com 20 páginas, Rio de Janeiro. Uma outra versão com o título de “*Apontamentos biographicos*”, também manuscrita, com 18 páginas, Rio de Janeiro (BN I-28,5,90 – n^{os} 1 e 2).
- AMORIM, C. – 1977 – Patrimônio sugere parque florestal em Campo Grande. *O Globo*, ed. 12 de junho de 1977: 22, [4] figs., Rio de Janeiro.
- ANÔNIMO – 1853 – O Sr. Dr. Francisco Freire Allemão. *A Nação*, ed. 27 de agosto de 1853: 2, Rio de Janeiro.
- ANÔNIMO – 1974 – *1^o Centenário de morte do Cientista brasileiro Francisco Freire Allemão*. Estado do Paraná / Secretaria da Educação e Cultura, [3] pp., Curitiba.
- ANÔNIMO – 1974 – Chácara onde morou o biólogo Freire Allemão será tombada. *O Globo*, ed. 9 de novembro de 1974: 8, Rio de Janeiro.
- ANÔNIMO – 1993 – Recuperando a Memória Orquidófila Nacional. *Orquidário*, Rio de Janeiro, 7 (1): 22-25, [5] figs. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 24-25.
- BLAKE, A. V. A. S. – 1893 – *Diccionario Bibliographico Brasileiro*. Imprensa Nacional, segundo volume, VIII + 479 pp., Rio de Janeiro. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 448-450.
- * BRAGA, R. – (1953) 1960 – *Plantas do Nordeste, especialmente do Ceará*. Imprensa Oficial, 2^a ed., VIII + 540 pp., Fortaleza.
- * BRAGA, R. – 1962 – *História da Comissão Científica de Exploração*. Imprensa Universitária do Ceará, 411 pp., [3] + 39 ests., Fortaleza.
- * DAMASCENO, D. & CUNHA, W. – (orgs.) – 1964 – Os manuscritos do botânico Freire Allemão: catálogo e transcrição. *Anais da Biblioteca Nacional*, Rio de Janeiro, 81: 1-372, [2] figs., [VIII] ests.
- DORIA, E. – 1920 – Um grande botânico brasileiro: Freire Allemão. *Almanack Agricola Brasileiro*, São Paulo, 9: 115-118, [3] figs.
- * DUCKE, A. – 1959 – Estudos botânicos no Ceará. *An. Acad. Brasil. Ciên.*, Rio de Janeiro, 31 (2): 211-308.

- * FERRI, M. G. - 1955 - A Botânica no Brasil. In: AZEVEDO, F. (org.) - *As ciências no Brasil*, vol. II: 149-200, [2] figs., [IV] ests. Edições Melhoramentos, 399 pp., ilus., São Paulo.
- * FERRI, M. G. - 1980 - História da Botânica no Brasil. In: FERRI, M. G. & MOTOYAMA, S. (coords.) - *História das Ciências no Brasil*, vol. II: 33-88, 4 figs. Editora da Universidade de São Paulo / Editora Pedagógica e Universitária Ltda., XIV + 468 pp., ilus., São Paulo.
- * GAMA, J. S. - 1875 - Biographia e apreciação dos trabalhos do botânico brasileiro Francisco Freire Allemão. *Rev. Trim. Inst. Hist. Geogr. Ethn. Brasil*, Rio de Janeiro, XXXVIII (2): 51-126.
- * GARCIA, R. - 1922 - Historia das explorações científicas. *Diccionario Historico, Geographico e Ethnographico do Brasil*, Rio de Janeiro, 1 (II): 856-910. Nota: publicação do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro.
- * GARDNER, G. - (1846) 1942 - *Viagens ao Brasil, principalmente nas províncias do norte e nos distritos do ouro e do diamante durante os anos de 1836-1841*. Tradução de Albertino Pinheiro. Companhia Editora Nacional, X + 467 pp., São Paulo.
- HOEHNE, F. C.; KUHLMANN, M. & HANDRO, O. - [1942] - *O Jardim Botânico de São Paulo*. Secretaria da Agricultura. Indústria e Comércio de São Paulo, 656 pp., ilus., São Paulo. Nota sobre Francisco Freire Allemão: p. 23.
- * LACERDA, J. B. - 1905 - *Fastos do Museu Nacional do Rio de Janeiro*. Imprensa Nacional, X + 188 pp., [XXIX] ests., Rio de Janeiro.
- * LACERDA, J. B. - 1907 - Traços biographicos do Prof. Freire Allemão. In: *Formulario Pratico*, pp. V-XII, [1] est. Brinde aos assignantes do *Brazil-Medico*. Typ. Besnard Frères, XII + 210 pp., [1] est. Observação: as páginas com anúncios não estão numeradas.
- * LEITÃO, C. M. - 1937 - *A Biologia no Brasil*. Companhia Editora Nacional, 331 pp., São Paulo.
- * LEITÃO, C. M. - 1941 - *Historia das Expedições Cientificas no Brasil*. Companhia Editora Nacional, 360 pp., São Paulo.
- LEONTSINIS, S. S. - [] - *Efemérides do Museu Nacional*. Universidade Federal do Rio de Janeiro - Fórum de Ciência e Cultura, edição prévia, 113 pp., [24] figs., Rio de Janeiro.
- * MACEDO, J. M. - 1874 - [Discurso com necrológicos de sócios do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro]. *Rev. Trim. Inst. Hist. Geogr. Ethn. Brasil*, Rio de Janeiro, XXXVII (2): 407-503.

- * MACEDO, J. M. – 1876 – *Anno Biographico Brasileiro*. Typographia e Lithographia do Imperial Instituto Artistico, volume 2, 538 + V pp., Rio de Janeiro. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 363-366.
- MAGALHÃES, F. – 1932 – *O centenario da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro*. Typ. A. P. Barthel, 431 pp., [154] figs., [VIII] ests., Rio de Janeiro. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 218-219.
- * MAIA, M. A. V. M. – 1937 – *O Conde de Motta Maia*. Livraria Francisco Alves, 449 pp., [21] ests., Rio de Janeiro.
- * MORAES, A. J. M. – 1874 – *A vida e a morte do Exm. Sr. Conselheiro Francisco Freire Allemão Cysneiro escripta, em vista das notas por elle proprio fornecidas*. Typographia de Quirino F. do Espirito Santo, 36 pp., Rio de Janeiro.
- * NEIVA, A. – (1922) 1929 – *Esboço Historico sobre a Botanica e Zoologia no Brasil*. Soc. Impressora Paulista, 143 pp., São Paulo.
- * NOBRE, G. S. – 1978 – *João da Silva Feijó: Um Naturalista no Ceará*. Gráfica Editora Cearense Ltda., 256 pp., Fortaleza.
- * NOBRE, G. S. – 1984 – *Estudos sobre a Coleção Descritiva das Plantas da Capitania do Ceará*. Gráfica Editorial Cearense Ltda., 281 pp., Fortaleza.
- NOMURA, H. – 1992 – *Vultos da Botânica Brasileira*. Parte I. Coleção Mossoroense, série C, volume 773, II + 100 pp., Mossoró. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 43-47.
- OCHIONI, P. – 1974 – Subsidio para biografia do botânico brasileiro Francisco Freire Allemão (1797-1874). *Leandra*, Rio de Janeiro, III / IV (4/5): 185-187, [2] figs.
- * PAIVA, M. P. – 1991 – Os naturalistas e o Ceará: I – João da Silva Feijó (1760-1824). *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 105: 21-44.
- * PAIVA, M. P. – 1993 – Os naturalistas e o Ceará: II – George Gardner (1812-1849). *Rev. Inst. Ceará*, Fortaleza, 107: 77-95.
- REIS, J. – 1948 – Freire Alemão, o botânico esquecido. *Folha da Manhã*, ed. 9 de maio de 1948, 4º caderno: 6, 1 fig., São Paulo.
- * SANTOS, P. L. – 1880 – *Pantheon Fluminense: esboços biographicos*. Typ. G. Leuzinger & Filhos, [V] + 368 + III pp., Rio de Janeiro. Nota sobre Francisco Freire Allemão: pp. 321-323.
- * SILVA, I. F. – 1870 – *Diccionario Bibliographico Portuguez*. Imprensa Nacional, tomo nono (segundo do suplemento) – Letras

C-G, XVI + 452 pp., Lisboa. Nota sobre Francisco Freire Allemão: p. 293.

SILVEIRA, A. – 1958 – *Enciclopédia Brasileira*. Instituto Nacional do Livro, tomo I, LIX + 589 pp., [1] est., Rio de Janeiro. Nota sobre Francisco Freire Allemão: p. 314.

* SOUZA, J. F. – 1948 – *Freire Alemão, o botânico*. Irmãos Pongetti – Editores, 175 pp., [2] figs., [IV] ests., Rio de Janeiro.

* STELLFELD, C. – 1947 – Sesquicentenário natalício de Freire Allemão. *Museu Paranaense / Publicações Avulsas*, Curitiba, (5): 3-19, [2] figs.

* STELLFELD, C. – 1948 – *Os novos gêneros e as novas espécies de Freire Allemão*. Irmãos Pongetti – Editores, 63 pp., [III] ests., Rio de Janeiro.

* VASCONCELOS, M. F. – s/d – [Apontamentos sobre a obra de Francisco Freire Allemão e de Manoel Freire]. Anotações em folhas soltas, feitas a lápis, sem maior ordenamento. BN I-28,5,93 Rio de Janeiro.

VENÂNCIO FILHO, F. – 1944 – Freire Alemão. *Rev. Mus. Nac.*, Rio de Janeiro, I (1): 22-24, [1] fig.

ANEXO I

Nomes vulgares de plantas cearenses, registrados por Francisco Freire Allemão em seu Relatório da Seção Botânica Comissão Científica de Exploração (BRASIL, 1862), com os correspondentes nomes científicos, segundo o dicionário de BRAGA [(1953) 1960].

ALMÉCEGA – *Protium heptaphyllum* (Aubl.) March., da família das Burseráceas. Ocorre nas Guianas e em todo o Brasil. AMEIXEIRA – No Ceará ocorrem duas espécies nativas, conhecidas pelo nome de ameixa, ambas da família das Olacáceas: *Ximenia americana* Linn., cosmopolita tropical, das praias e tabuleiros arenosos circunvizinhos; *Ximenia coriacea* Engl., que é a ameixa-brava ou ameixa-da-terra. ANGELIM – Corresponde a espécies de difícil classificação, pertencentes à família das Leguminosas. Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies conhecidas por este nome: *Andira anthelmintica* Benth., *Andira vermifuga* Mart., *Andira retusa* (Lam.) H. B. K. e *Derris araripensis* (Benth.). ANGICO – Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família

das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Piptadenia macrocarpa* Benth., comum em todo o nordeste brasileiro, ocorrendo desde o Maranhão até São Paulo, inclusive nos estados centrais; *Piptadenia peregrina* Benth., no Brasil, presente desde o Amazonas até São Paulo. AROEIRA - No Ceará ocorrem duas espécies, ambas da família das Anacardiáceas: *Astronium urundeuva* (F. All.) Eng., também conhecida como aroeira-da-serra, encontrada desde o Ceará até o Paraguai; *Schinus terebinthifolius* Raddi, é a aroeira-do-sertão, uma das plantas típicas das caatingas do nordeste brasileiro. BALSAMO - Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Myroxylon peruiferum* Linn. f., nas partes altas das serras úmidas; *Myrospermum* aff. *toluiferum* DC, nas quebradas da chapada do Araripe. BARBATIMÃO - No Ceará ocorrem duas espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Stryphnodendron coriaceum* Benth., das caatingas nordestinas e de Minas Gerais; *Stryphnodendron rotundifolium* Mart., presente desde o Piauí até a Bahia. BATIPUTÁ - No Ceará ocorrem três espécies da família das Ocnáceas, conhecidas por este nome: *Ouratea fieldingiana cearensis* Hub., que é o batiputá da faixa litorânea cearense; *Ouratea jabotapita* Engl., que vai desde o Ceará até a Bahia; *Ouratea parviflora* Baill., presente desde o Ceará até Minas Gerais e São Paulo, crescendo de preferência nos tabuleiros arenosos próximos do litoral. BRAUNA - *Schinopsis brasiliensis* Engl., da família das Anacardiáceas. Nativa das caatingas do nordeste brasileiro. CAJAZEIRA - *Spondias lutea* Linn., da família das Anacardiáceas. Espécie cosmopolita tropical. CAJUEIRO - *Anacardium occidentale* Linn., da família das Anacardiáceas. Espécie muito comum no litoral do nordeste do Brasil. CAMUNZÉ - *Pithecolobium polycephalum* Benth., da família das Leguminosas, ocorrendo em toda a parte tropical da América do Sul. CANAFÍSTULA - Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Cassia excelsa* Schrad., ocorrendo desde o Ceará até Mato Grosso; *Cassia ferruginea* Schrad., encontrada desde o Ceará até o Paraná e Mato Grosso; *Cassia fistula* Linn., espécie exótica, original da Ásia; *Cassia grandis* Linn., no Brasil, presente em toda a sua área tropical continental; *Cassia multijuga* Rich, desde as Guianas aos estados centrais do Brasil. CANDEIA - *Plathymenia reticulata* Benth., da família das Leguminosas. Mais conhecido no Ceará pelos nomes de acende-candeia e pau-amarelo. Ocorre em quase todo o Brasil. CANELA-DE-VEADO - No Ceará ocorrem três espécies nativas, da família das Lauráceas, denominadas como

canelas: *Nectandra leucantha* Nees, que é a canela: *Endlicheria hirsuta* Nees, chamada canela-branca: *Linharea aromatica* Arr. Cam., conhecida como canela-do-mato. Não sabemos a que espécie corresponde a canela-de-veado, mencionada por Francisco Freire Allemão. CARNAÚBA - *Copernicia cerifera* (Arr. Cam.) Mart., da família das Palmáceas. Ocorre desde o Maranhão até o norte de Minas Gerais. Autores a consideram presente em Goiás, Mato Grosso, Paraguai, sudeste da Bolívia e norte da Argentina, conhecida como carandá. CATANDUBA - *Piptadenia moniliformis* Benth., da família das Leguminosas. Ocorre desde o Maranhão até a Bahia. CATINGUEIRA - *Caesalpinia pyramidalis* Tul., da família das Leguminosas. Ocorre desde o Piauí até a Bahia e Mato Grosso. CATOLÉ - No Ceará ocorrem duas espécies, ambas da família das Palmáceas: *Syagrus comosa* (Mart.) Becc., presente no nordeste brasileiro, Minas Gerais, Goiás e Mato Grosso; *Syagrus picrophylla* Barb. Rodr., vai desde o nordeste brasileiro até o Rio de Janeiro. CAUAÇU - Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Polygonáceas, conhecidas por este nome: *Coccoloba cordifolia* Meissn., que ocorre desde o Amazonas até o Rio de Janeiro; *Coccoloba polystachya* Wedd., presente desde o Amazonas até São Paulo, Goiás e Mato Grosso; *Coccoloba latifolia* Lam., também chamada de cajueiro-bravo; *Triplaris gardneriana* Willd., também conhecida como pajaú. CEDRO - *Cedrela odorata* Linn., da família das Meliáceas, visto desde o nordeste brasileiro até São Paulo. Uma outra espécie do mesmo gênero, conhecida no Ceará como cedro-vermelho = *Cedrela fissilis* Vell., ocorre desde o Amazonas até Minas Gerais e São Paulo. CONDURU - *Brosimum gaudichaudii* Trec., da família das Moráceas. Ocorre desde o Piauí até Minas Gerais e São Paulo. CORAÇÃO-DE-NEGRO - Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Machaerium acutifolium* Vog., encontrada desde o Pará até Minas Gerais e São Paulo; *Zollernia paraensis* Hub., nos estados do Pará, Maranhão e Ceará, neste último encontrada em matas de serras úmidas próximas do litoral. CUMARU - *Torresea cearensis* F. All., da família das Leguminosas. Ocorre no nordeste e centro do Brasil, chegando à Argentina. EMBIRA - No Ceará ocorrem três espécies da família das Anonáceas, conhecidas por este nome: embira-branca = *Guatteria vilosissima* St. Hil. e *Xylopia grandiflora* St. Hil., embira-vermelha = *Xylopia frutescens* Aubl.. FAVEIRA - Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Clitoria cearensis* Hub., nativa do Ceará; *Pterodon pubescens* Benth., encontrada na

chapada do Araripe e na área dos cerrados do Brasil; *Terammus volubilis* Shartz, presente desde as Antilhas até São Paulo; *Vatairea macrocarpa* (Benth.) Ducke, presente no Pará, Ceará e Mato Grosso; *Dimorphandra gardneriana* Tul., nos cerrados do Maranhão até a Bahia e Goiás. GONÇALO-ALVES – No Ceará ocorrem duas espécies, ambas da família das Anacardiáceas: *Astronium faxinifolium* Schott, encontrada em quase todo o Brasil; *Astronium graveolens* Jacq., vegetando desde a Venezuela até o Rio de Janeiro. GUAJIRU – *Chrysobalanus icaco* Linn., da família das Rosáceas. Na parte tropical das Américas, é encontrado nos tabuleiros arenosos do litoral. INHARÉ – Vide conduru. JACARANDÁ – Vide coração-de-negro. JANAGUBA – *Plumeria sucuuba* Spruce, da família das Apocináceas. A espécie que ocorre em Fortaleza é a *Plumeria bracteata* A. DC. JATOBA – Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Hymenaea courbaril* Linn., no Brasil ocorrendo desde o Amazonas até a Bahia e centro de Mato Grosso; *Hymenaea martiana* Hayne, encontrada no Brasil desde o Piauí até Minas Gerais e Goiás. JENIPAPO – *Genipa americana* Linn., da família das Rubiáceas. Ocorre na parte tropical das Américas, inclusive nas Antilhas. JUAZEIRO – *Zizyphus joazeiro* Mart., da família das Ranáceas. Ocorre desde o Piauí até Minas Gerais. JUREMA – *Mimosa verrucosa* Benth., da família das Leguminosas. JUREMA-BRANCA – *Pithecolobium dumosum* Benth., da família das Leguminosas. Ocorre desde o Piauí até a Bahia. JUTAÍ – *Apuleia leiocarpa* (Vog.) Macbr., da família das Leguminosas. Embora ocorra no nordeste brasileiro, não está referida para o Ceará, no dicionário consultado. DUCKE (1959) faz menção de sua ocorrência em Fortaleza (Ceará). LACRE – No Ceará ocorrem quatro espécies conhecidas por este nome, as três primeiras da família das Gutíferas e a última da família das Combretáceas: *Vismia cearensis* Hub. e *Vismia guaramirangue* Hub., encontradas na serra de Baturité; *Vismia martiana* Reichb., que vegeta na chapada do Araripe; *Terminalia brasiliensis* Eichl., que vai desde o Ceará (chapada do Araripe) até São Paulo, Minas Gerais e Goiás. LOURO – *Aydedendron tenellum* Meissn., da família das Lauráceas. Mais conhecido como louro-amarelo. Ocorre desde o Ceará até Alagoas. MAÇARANDUBA – No Ceará ocorrem duas espécies, ambas da família das Sapotáceas: *Manilkara rufula* (Miq.) Lam., encontrada nas serras, desde o Piauí até a Bahia; *Manilkara triflora* Chev., vegetando na região litorânea, desde o Pará ao Ceará. Ainda no Ceará, temos a maçaranduba-branca = *Chrysophyllum* sp., também da família das Sapotáceas, presente em cima da serra de Baturité. MAMALUCO –

Verbete não registrado no dicionário consultado. MANAPUÇÁ - *Mouriria pusa* Gardn., da família das Melastomáceas. Vegeta nos tabuleiros arenosos. MANGABEIRA - *Hancornia speciosa* Gomes, da família das Apocináceas. Na América do Sul ocorre desde a Venezuela até o Paraguai, nos tabuleiros arenosos secos. MANICÓBA - *Manihot glaziovii* Muell. Arg., da família das Euforbiáceas. Nativa do Ceará. MARFIM - *Melochia umbelata* Stapf., da família das Esterculiáceas, mais conhecido como pau-marfim. MARIZEIRA - *Geoffraea spinosa* Jacq., da família das Leguminosas. Também conhecida pelo nome de umari. Cresce nas várzeas. Uma outra espécie, chamada vulgarmente umari-bravo = *Calliandra spinosa* Ducke, também da família das Leguminosas, prefere os terrenos impermeáveis e pobres do sertão. MARMELEIRO - *Croton hemiargyreus* Muell. Arg., da família das Euforbiáceas. Cresce em todos os terrenos do sertão e invade as pastagens. MOFUMBO - *Cobretum leprosum* Mart., da família das Combretáceas. Ocorre desde o Piauí até a Bahia. MOFUMBO-DE-CARRASCO - Não sabemos a qual das espécies de mofumbo, encontradas no Ceará, corresponde a menção de Francisco Freire Allemão: *Combretum leprosum* Mart., também conhecida como mofumbo-de-tabuleiro (vide mofumbo); *Combretum lanceolatum* Pohl, mais conhecida como mofumbo-do-rio, crescendo nas margens dos rios e lagoas. Ambas pertencem à família das Combretáceas. MORORÓ - *Bauhinia forficata* Link, da família das Leguminosas. Ocorre nas Guianas e na maior parte do Brasil. MURICI - *Byrsonima crassifolia* H. B. K., da família das Malpigiáceas. Nativo da parte tropical das Américas, crescendo nos tabuleiros arenosos do litoral. MUTAMBA - *Guazuma ulmifolia* Lam., da família das Esterculiáceas. Ocorre em toda a parte tropical das Américas. OITICICA - *Licania rigida* Benth., da família das Rosáceas. Ocorre desde o Piauí até a Bahia. PACOTÉ - *Cochlospermum insigne* St. Hil., da família das Coclospermáceas. Ocorre em grande parte do Brasil. PAJAC - *Triplaris baturitensis* Hub., da família das Polygonáceas. Nativo do Ceará, sendo comum nas margens dos riachos da serra de Baturité. DUCKE (1959) põe esta espécie na sinonímia de *Triplaris gardneriana* Wedd.. PARAIBA - *Simaruba versicolor* St. Hil., da família das Simarubáceas. Ocorre em quase todo o Brasil. PAU-BRANCO - *Auxemma onocalyx* (F. All.) Taub., da família das Borragináceas. Espécie comum nas caatingas do nordeste brasileiro, sendo ainda registrada em Minas Gerais e Mato Grosso. PAU-D'ARCO-AMARELO - *Tabebuia serratifolia* (Vahl) Nichols, da família das Bignoniáceas. Ocorre nas quebradas das serras úmidas litorâneas do nordeste brasileiro, indo até São Paulo. PAU-D'ARCO-

Roxo – *Tabebuia avellanedae* Lor., da família das Bignoniáceas, encontrado em quase todo o Brasil. No Ceará, uma outra espécie é registrada com este nome, *Tecoma violacea* Hub., que ocorre nas serras úmidas e mais raramente pelo sertão, sendo característica da flora amazônica. PAU-D'ÓLEO – Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Copaifera cearensis* Hub., encontrada nas serras, especialmente litorâneas; *Copaifera langsdorfii* Desf., nas caatingas do sul do estado e na chapada do Araripe; *Copaifera luetzelburgii* Harms, presente no sul do estado; *Copaifera nitida* Mart., em cima da chapada do Araripe; *Copaifera coriacea* Mart., no noroeste do estado. PAU-FERRO – *Caesalpinia leiostachya* (Benth.) Ducke, da família das Leguminosas. Ocorre nas matas litorâneas e serras, desde o Piauí até São Paulo. PEREIRO – *Aspidosperma pirifolium* Mart., da família das Apocináceas. Ocorre em toda área das secas nordestinas, chegando ao oeste da Bahia. Parece ocorrer em Minas Gerais, Mato Grosso, e de São Paulo a Santa Catarina, conhecido como guatambu. No Piauí, este nome corresponde à espécie *Aspidospermum guaraniticum* Malme. PEREIRA – *Aspidosperma gardneri* Muell. Arg., da família das Apocináceas. Ocorre desde o Maranhão até Pernambuco. A subespécie *Aspidosperma gardneri ellipticum* Muell. Arg. é encontrada na chapada do Araripe. PIQUI – *Caryocar coriaceum* Wittm., da família das Cariocaráceas. Ocorre desde o Piauí até a Bahia e Goiás, nos chapadões dos cerrados. PIQUIÁ – Verbete não registrado no dicionário consultado. Com certeza, trata-se de alguma das espécies de família das Cariocaráceas, podendo mesmo ser o piqui, apenas com outro nome vulgar. PIROÁ – *Basiloxylon brasiliense* (F. All.) Schum., da família das Esterculiáceas. Cresce nas partes altas das serras úmidas do nordeste brasileiro, parecendo chegar até o Rio de Janeiro. SABIÁ – *Mimosa caesalpiniaefolia* Benth., da família das Leguminosas. Ocorre desde o Maranhão até o Ceará. SAMBAIBA – *Curatella americana* Linn., da família das Dileniáceas. Ocorre desde a Amazônia até Minas Gerais. TATAJUBA – Estão registradas para o Ceará as seguintes espécies da família das Leguminosas, conhecidas por este nome: *Chloroflora tinctoria* Gaud., presente em grande parte do Brasil; *Maclura affinis* Miq., ocorrendo desde o Ceará até o Rio de Janeiro; *Maclura xanthoxylon* Endl., vegetando desde o Ceará até a Bahia. Estas duas últimas espécies são consideradas sinônimas da primeira, pelo *Index Kewensis*. TIMBAÚBA – *Enterolobium contortisiliquum* (Vell.) Morong, da família das Leguminosas. Ocorre do Pará até a Argentina e Uruguai. UMARI BRAVO –

Calliandra spinosa Ducke, da família das Leguminosas. Nativo do Ceará, preferindo os terrenos impermeáveis e pobres do sertão. UVAIA - *Eugenia uvalha* Camb., da família das Mirtáceas. Ocorre em quase todos os tabuleiros litorâneos do Brasil. VIOLETE - *Dalbergia cearensis* Ducke, da família das Leguminosas. Nativo do Ceará, sendo encontrado no sertão e sopés de serras. VISGUEIRO - *Parkia platycephala* Benth., da família das Leguminosas. Ocorre na área dos cerrados, desde o Pará até o norte da Bahia; no Ceará é muito comum na chapada do Araripe.